

---

## **A herança cultural de um povo: Segredos tradicionais no ventre** *(The cultural inheritance of a people: traditional secrets in the womb)*

*Maria de Fátima da Silva Vieira Martins<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Todo o mistério em que durante milénios a reprodução humana esteve mergulhada, levou à criação de mitos e à instituição de crenças na tentativa de explicar tudo aquilo que, até então, era inexplicável. Também a mulher, ao longo da sua vida, vai ouvindo relatos de experiências vividas por outros e de histórias que se transmitem sucessivamente de mãe para filha e que, não raras vezes, configuram crenças ou mitos determinantes dos seus comportamentos, geradores de receios e de medos a partir dos quais ela começa a construir a representação da sua própria gravidez.

A presente comunicação tem por base um estudo levado a efeito no âmbito da dissertação de mestrado em Sociologia da Saúde promovido pelo Instituto das Ciências Sociais da Universidade do Minho, sob a orientação da Professora Dra. Paula Cristina Remoaldo. Este trabalho, intitulado *Mitos e Crenças na Gravidez*, teve como objectivos averiguar se as grávidas que frequentaram os serviços de saúde, foram, ou não, influenciadas por mitos ou por crenças e identificar comportamentos expressos por estas directamente dependentes de tais crenças. Em termos geográficos, estes estudo circunscreveu-se aos concelhos de Amares, Braga, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde.

Tomando em consideração alguns dos resultados obtidos a partir das entrevistas semi-estruturadas realizadas a 100 mulheres que deram à luz, pudemos concluir que 82% destas modificaram os seus comportamentos durante a gravidez em função do prescrito por determinados mitos e crenças, constituindo assim, elementos de segurança, de protecção, de conservação, de fé e de tradição que, no seu entender, é necessário manter.

**Palavras-chave:** *crenças, mitos, tradições, gravidez, comportamentos.*

### **Abstract**

*All the mystery in which for millenniums the human reproduction was submerged, lead to the creation of myths and to the establishment of beliefs that tried to explain everything that until then was unexplainable. The woman, throughout her life, listens to reports of experiences lived by others and also listens to stories that are transmitted successively from mother to daughter and that, not very rarely, become beliefs or myths which will determine her behaviour and will also generate fears from which she begins building her owns representation of pregnancy.*

*This work is based on a study made for the master ship in Sociology of Health promoted by the Institute of Social Sciences of University of Minho, under the orientation of PhD Paula Cristina Remoaldo. This work untitled *Myths and Beliefs in Pregnancy* had the purpose of checking if pregnant woman that attend the health services were or not influenced by myths or beliefs and it also had the purpose of identifying behaviours expressed by those directly dependant on those beliefs. Geographically, this study circumscribed to the councils of Amares, Braga, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho and Vila Verde.*

*Considering some of the obtained results of the semi-structured interviews made to 100 women that gave birth, from which we could conclude that 82% of them modified their behaviours during pregnancy due to certain myths and beliefs, constituting elements of safety, of protection, of preservation, of faith and tradition which, in their understanding, it is necessary to keep.*

**Key words:** *beliefs, myths, traditions, pregnancy, behaviours.*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia - Área de Especialização em Saúde, na Universidade do Minho Professora Adjunta na Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian – Braga

## Introdução

*Les mères sont les gardiennes de la vie.  
Elles incarnent la mystérieuse régénération à la base de toute humanité.  
La richesse de la sagesse dont elles ont hérité est transmise  
de génération en génération, de mère en fille, dans le monde entier.  
La maternité est une cause commune,  
un don universellement chéri et une expérience à partager.*  
**JACKSON, D. (2000).**

Ter um filho é, sem dúvida, um dos acontecimentos mais significativos da vida de um casal e da sua família. Devido à união do corpo da mãe e do feto durante a gravidez, todas as influências sobre o corpo da mãe, assim como as manifestações orientadas voluntariamente por esta, repercutir-se-ão na criança em gestação. Estudar o saber social afim de compreender melhor as explicações do senso comum em relação ao comportamento social, parece-nos de importância capital, uma vez que este pode constituir um conjunto de estruturas mentais que fornece um contexto para organizar a nova informação exigindo, cada vez mais, que esta seja clara e precisa.

Encetámos esta investigação convictas da existência de práticas quotidianas que reflectem toda uma herança em termos de mitos e de crenças que ainda persistem e se manifestam durante a gravidez. Moveu-nos o alento de aprofundar conhecimentos nesta matéria, na perspectiva de identificar se as grávidas que frequentam os serviços de saúde são, ou não, influenciadas por mitos ou por crenças, bem como identificar comportamentos expressos por estas que fossem directamente dependentes de crenças.

### 1. Olhar sobre o corpo

O corpo é definido na Bíblia pela palavra “bassar” e em grego por “soma” ou por “sarx,” que significa carne. É o elemento material, o substrato físico da vida, na sua unidade de composição através do mundo. Este é mais do que um simples organismo físico oscilando entre a saúde e a doença, é um sistema de acção e também o foco de um conjunto de crenças sobre o seu significado social e psicológico. É através do corpo que o homem se insere num espaço social e cultural porque este permite a produção de mensagens, a sua recepção e a descodificação produzindo, deste modo, continuamente significados.

Na cultura popular, a imagem do corpo é a de um corpo que age sobre a natureza e é por ela influenciado. COLLIÈRE, M.F. (1989) comenta que o corpo é lugar de expressão de vida individual e colectiva, templo de *anima*, *sopro de vida*. *O corpo das mulheres parece ser o lugar de uma dupla propriedade: vulnerável aos elementos do universo exterior e ao mesmo tempo perigosa para elas, são ao mesmo tempo ameaçadoras e ameaçadas no seu corpo (...)* *Quando é menstruada ela [a mulher] apresenta o seu lado ameaçador; quando está grávida apresenta o seu lado vulnerável* (COLLIÈRE, M.F., 1989:41).

Os médicos gregos, na antiguidade, pensavam que a mulher, tendo um temperamento “húmido”, tinha um corpo que produzia muitos líquidos sendo necessário o escoamento regular deste sangue supérfluo para “equilibrar os humores”. Tanto a gravidez como a menstruação eram por eles identificadas como estados quentes.

O corpo está marcado, por um lado, pelo sangue menstrual e, por outro, pela concepção e pelo nascimento. Na gravidez, a mulher é dominada pelo excesso de sangue sendo abalizada pelo olhar de tudo o que a rodeia (JOAQUIM, T., 1983). A mulher com o seu corpo, torna-se ameaçada e vulnerável ao olhar exterior. Da mesma forma, a gravidez é associada à ideia de impureza e a grávida converte-se num ser contaminador perigoso e impuro (DOUGLAS, M., 1981).

Estes significados do corpo codificam a definição social da mulher. Esta é interpretada como sendo uma “natureza quente”, daí que o equilíbrio se encontra em perigo de ruptura, nomeadamente durante o fluxo menstrual e a gravidez. A mulher está num permanente estado de transição entre a “saúde e a doença”. É, por isso, que lhe são aplicados modelos simbólico-

rituais de proibições alimentares e de cuidados médico-mágicos (BRUHNS, H. 1995).

Assim, a linguagem do corpo possui, não apenas palavras e frases mas, também, símbolos físicos, psíquicos e sociais, cada um deles contribuindo para a construção de um significado que pode variar segundo o contexto. Tendo o corpo um significado social, as respostas às queixas orgânicas e psicológicas dependem da aceitabilidade social e da natureza dessas queixas.

Todas as culturas possuem crenças acerca da vulnerabilidade da mãe e do feto durante a gravidez. As noções culturais a respeito da fisiologia da gravidez, evocadas, muitas das vezes, após o nascimento da criança, explicam, quase sempre, o resultado indesejado de uma criança com deformações físicas ou psicológicas ou, simplesmente, doente. Acredita-se que o comportamento da mãe pode afectar directamente a fisiologia da reprodução e causar danos no feto.

Resulta também, que a influência da família nas crenças e condutas da mulher grávida faz-se através das relações interpessoais. A família, como unidade social primária, está em condições de transmitir aos seus membros os elementos culturais que intervêm sobre as crenças e o conceito de gravidez.

É relativamente fácil recordar alguns mitos ou crenças que nos foram transmitidos na nossa infância pelas nossas mães e avós, mas a sua adesão pode ser determinada por diversos factores, como o grau de aculturação, os níveis educacionais e económicos assim como, a intensidade do contacto com as gerações mais velhas. Na verdade, as pessoas idosas, portadoras de saberes experimentados e consolidados no tempo, asseguraram a sua transmissão até nós. Numa primeira fase, esta transmissão passa-se essencialmente no seio da família e, mais tarde, esta transmissão alarga-se à comunidade. Também a mulher, ao ouvir relatos de experiências vividas por outros e de histórias, vai configurar as suas próprias crenças e mitos que vão determinar os seus comportamentos, gerar receios e medos a partir dos quais ela começa a construir a representação da sua gravidez. Durante os nove meses de espera, Nossa Senhora tem um lugar especial no coração destas mães.

Relativamente a estes aspectos REIS, J. (citado por DIAS, M., 1999:64) alude que *o português de tudo se serve para invocar Nossa Senhora: um passo alegre ou triste da sua vida (...) a amargura, a aflição e o alívio, as dores e os remédios; (...), a saúde e a agonia; a vida e a morte; o pecado e a virtude (...).*

## 2. Herança cultural: Mitos e crenças na gravidez

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora (1998:446), *a crença é uma atitude de espírito que admite, em grau variável (certeza, convicção, opinião), uma coisa como verdadeira, uma opinião adoptada com fé e convicção.* As crenças podem ser consideradas como uma forma de conhecimento, interiorizado a partir de hábitos de vida que representam um conjunto de formas de actuar, provocando formas de ser que permitem assegurar a continuidade da vida (COLLIÈRE, M.F., 1989).

Neste sentido, toda a crença tem um conteúdo, o mito, que geralmente é narrativo. O mito vem da palavra “mythos” que significa “palavra” podendo definir-se, por um lado, como um conjunto de narrativas orais, anónimas, transmitidas de geração em geração e, por outro, como uma verdadeira linguagem cuja continuidade deve ser salvaguardada. Para alguns autores como LIMA, A., *et al.* (1979:138) *o mito pode ser a explicação de um facto primordial do passado ou do presente (...) a justificação de uma determinada prática social ou cultural desse mesmo presente ou passado consistindo assim numa espécie de pseudo-racionalização dessa prática (...) e ainda um projecto, elemento aglutinador das forças sociais tendo em vista um objectivo que se apresenta como desejável para todos ou quase todos os membros dessa sociedade.*

As crenças estão ligadas à noção de *Bem* e de *Mal*. Deste modo, tudo o que é considerado mau, insalubre para a vida dos indivíduos, constitui objecto de interdição tendo por objectivo a protecção dos diferentes elementos do grupo daquilo que os pode prejudicar, como, por exemplo, a morte (COLLIÈRE, M.F., 1989). É também importante referir que a mortalidade materna e infantil eram elevadíssimas até há poucas décadas atrás. Assim, cada gesto em torno

da mãe, tem como significado, não só proteger a criança desta mortalidade, mas, também, proteger a própria mãe no momento do parto e do puerpério. Daí que as mulheres adoptassem comportamentos protectores da saúde de forma a promover a sua própria saúde e a do seu filho.

Durante a gravidez, tem-se medo da influência de maus olhares e de maus espíritos, daí que, muitas das vezes, esta seja deliberadamente ocultada nos primeiros tempos. A fragilidade do feto pode explicar esta ocultação da gravidez tendo por objectivo afastá-lo do mundo exterior. É até ao terceiro mês que este segredo deve ser mantido. A partir daí, já não precisa ser ocultada.

As referências a **proibições de rituais**, permitem determinar os *rituais ligados à morte*. Os funerais e a ida a cemitérios foram descritos por 54 mães como provocando na criança alterações evidentes como, por exemplo, a criança ficar amarela, ficar muda, ficar com o espírito do falecido, ficar assustada, a grávida poder abortar e a criança morrer.

*Nos rituais ligados à vida e ao baptismo*, a crença de não poder ser madrinha de baptismo quando se está grávida, foi descrita por 16 mães, acrescentando que não é bom, que a criança pode morrer, que pode nascer com alguma deficiência, ou, simplesmente, que dá azar.

Relativamente à *participação na Eucaristia*, quatro mulheres referiram que deixaram de ir à missa porque não era bom e que podiam desmaiar. Uma até defendeu que esta ausência era aconselhável até ao momento do baptizado do bebé. Esta proibição está relacionada com a noção de que a mulher se encontra impura, frágil e desprotegida. A purificação é dada aquando do baptismo. Tendo em conta esta crença, as adolescentes jovens deixam de participar na eucaristia por medo de que alguém descubra que estão grávidas.

Tendo em conta a ligação que nos pareceu, à partida, evidente, conforme já tivemos oportunidade de salientar anteriormente, entre as práticas religiosas e os mitos e as crenças, impunha-se analisar até que ponto as mães que constituem a nossa amostra assumem a prática de alguma religião.

QUADRO 1 - Religião professada

Religião	N.º	%
Nenhuma	0	0
Católica não praticante	25	25
Católica praticante	71	71
Outra religião	4	4
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Entrevistas por nós realizadas entre Fevereiro e Março de 2003.

Da análise do Quadro 1 comprovamos que todas as grávidas inquiridas referiram professar uma religião. Destas, 96% (n=96) afirmaram professar a religião católica, sendo 71% (n=71) católicas praticantes. Verificamos, deste modo, que cerca de 75% das inquiridas frequentam os serviços religiosos com relativa assiduidade. Importa salientar que a área geográfica abrangida por esse estudo é de elevada religiosidade, seja por convicção, seja por tradição, pelo que não podemos considerar surpreendentes os resultados encontrados. De facto, os minhotos incidem a sua prática religiosa essencialmente aos domingos e em dias de festa, muito embora seja relativamente comum, encontrar pessoas cuja frequência religiosa é diária.

Porém, é de salientar que 25% das que se consideram católicas não são praticantes. Este indicador parece trazer alguma “mudança” em termos de comportamentos religiosos: as gerações mais novas comprometem-se com outros lazeres, como por exemplo, o cinema, o descanso matinal ao domingo ou a diversão, em vez de participarem activamente na Eucaristia dominical. DURKHEIM, E. (1976), citado por GIDDENS, A. (2000) salienta que, com o desenvolvimento das sociedades modernas, a influência das religiões diminui porque as actividades cerimoniais e rituais ocupam, cada vez mais, um pequeno lugar na vida das pessoas.

Quarenta e sete das entrevistadas recorreram, durante a sua gravidez, a **prescrições de actos religiosos** ou a uso de objectos com o objectivo de proteger o bom desenvolvimento da sua gravidez e do seu filho. O medo do mau olhado ou do mal de inveja, explica a necessidade

de recorrer a algo de divino para proteger a gravidez de um eventual abortamento ou de uma malformação no bebé. Aqui encontramos algumas crenças contraditórias com o que referimos anteriormente onde, por exemplo, a proibição de participar na eucaristia é aqui contradita pela obrigação de participar com o intuito de proteger a gravidez.

*É bom andar com uma cruz ao peito para evitar o mal de inveja ou o mau olhado* (mulher de 24 anos, cuja gravidez era a primeira, com o 3º Ciclo do Ensino Básico e residente em Vila Verde).

Estas grávidas fizeram-se acompanhar de terços ou medalhas e rezaram muito durante a gravidez e aquando do parto. Além disso, sentem também a necessidade de realizar promessas, tais como, rezar, dar uma missa em acção de graças, ir a pé aos Santuários, dar uma esmola segundo as suas possibilidades, doar um menino de cera ou acender velas. Estas promessas são cumpridas, em princípio, logo após o parto. Algumas mães acrescentaram que, mesmo que as coisas corresse mal, iriam na mesma cumprir as promessas efectuadas.

As minhotas são, regra geral, cumpridoras dos mais diversos ritos e práticas religiosas. Observámos ainda que nesta região, onde a fé professada é essencialmente católica, se convive com outras fés e com outras crenças. O fenómeno religioso sujeita-se às dinâmicas do conjunto cultural, ou seja, à experiência religiosa que é algo eminentemente social (LIMA, J., 1994). Relativamente à variável religiosidade, factor importante na ligação com as crenças, deduzimos, como já foi referido anteriormente, que 96% das mulheres da nossa amostra, professam a religião católica. Este facto, vem explicar que se trata efectivamente de uma região de mentalidade cristã, onde existe uma cultura com costumes e práticas quase unificadas em todos os concelhos.

### **Considerações finais**

Encontra-se bastante enraizada, no território em estudo, uma cultura que respeita os saberes transmitidos por familiares mais velhos. Esta investigação demonstrou que, mesmo nos nossos dias, os saberes são difundidos essencialmente pela tradição oral. A partir dos saberes adquiridos pela experiência (experiências de gravidezes anteriores, gravidezes de outros familiares), alimenta-se todo um conjunto de formas de fazer que modelam os modos de vida. As proibições e as prescrições que se desenvolvem na gravidez, no parto e no puerpério, são absorvidas a partir de representações simbólicas. É assim que se vão formando as crenças representando as marcas da vida que são indispensáveis à sobrevivência individual e do grupo, mas que podem ser entendidas como um obstáculo, quando se afirmam como dominantes, únicas e verdadeiras.

Diagnosticámos, ainda, que 82% das mulheres modificaram os seus comportamentos durante a gravidez, em função do prescrito por determinados mitos e crenças, constituindo assim, elementos de segurança, de protecção, de conservação, de fé e de tradição que, no seu entender, são necessários. Assegurando a continuidade de vida do grupo, estas práticas determinam as experiências da gravidez de uma forma dinâmica. Como aponta COLLIÈRE, M.F. (2003:66), *a evolução das práticas e dos saberes (...) é inseparável da interacção das funções para assegurar a continuidade da vida e fazer recuar a morte (...)*.

Paralelamente, as observações feitas a partir das experiências dos corpos e dos cuidados a prestar à mulher grávida e aos seus filhos durante a gravidez e o nascimento, determinam novas experiências a partir das quais, pouco a pouco, se edificam os saberes sociais. Parece existir uma ligação entre o corpo da mulher e o corpo da criança, onde sobre eles tudo pode influir mas que, por sua vez, também podem influenciar os outros e o meio que os rodeia. Como exemplo, podemos lembrar o estabelecimento de relações benéficas ou malélicas entre os corpos, o não transmitir à criança/feto malformações porque se rezou muito.

Conseguimos entender nos relatos divulgados pelas mulheres, a diversidade de práticas que rodeiam o corpo da mãe, sempre com o objectivo de proteger o feto do olhar e do contacto dos outros, bem como de prevenir a morte ou as malformações. A integração de estratégias no âmbito da Educação para a Saúde deve ser desenvolvida tendo em conta o *marketing* social, para que a mulher possa desfrutar da gravidez de forma positiva, sem medos e sem receios.

### Referências bibliográficas

- AMARO DAS NEVES, António (1994), «Vir à luz - Práticas e Crenças associadas ao nascimento», in *Revista de Guimarães*, (104), pp. 53-81.
- BARBAUT, Jacques (1990), *O nascimento através dos tempos e dos povos*, Lisboa, Terramar.
- BRUHNS, Heloisa T. (1995), «Corpos femininos na relação com a cultura», in ROMERO, Elaine, *Corpo, Mulher e Sociedade*, São Paulo, Papyrus Editora, pp.71-98.
- COLLIÈRE, Marie Françoise (1989), *Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*, Lisboa, Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.
- COUTO, António de Jesus (1994a), *Crenças e representações da gravidez na Educação para a Saúde*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa (policopiada), 152 p..
- DIAS, Mário Simões (1999), *O Senhor Jesus e Nossa Senhora do Ó*, Coimbra, Livraria Minerva.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1998), 8ª ed., Porto, Porto Editora.
- DOUGLAS, Mary (1981), *De la souillure Essai sur les notions de pollution et de tabou*, Paris, FM/Fondations.
- GIDDENS, Anthony (2000), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- JOAQUIM, Teresa (1983), *Dar à luz, ensaio sobre as práticas e crenças na gravidez, parto e pós-parto em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- LIMA, Augusto, et al. (1979), *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, Editorial Presença Lda..
- LIMA, José da Silva (1994), *Deus não tenho nada contra*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.